



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E TECNOLOGIA  
DEPARTAMENTO DE COMPUTAÇÃO

## **Características, boas práticas e soluções no desenvolvimento de aplicações com arquitetura de microserviços**

Trabalho de Conclusão de Curso

João Paulo Feitosa Secundo



São Cristóvão – Sergipe

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E TECNOLOGIA  
DEPARTAMENTO DE COMPUTAÇÃO

João Paulo Feitosa Secundo

**Características, boas práticas e soluções no desenvolvimento de  
aplicações com arquitetura de microserviços**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Departamento de Computação da Universidade Federal de Sergipe como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Ciência da Computação.

Orientador(a): Rafael Oliveira Vasconcelos

São Cristóvão – Sergipe

2022

# Lista de abreviaturas e siglas

API	Application Programing Interface - Interface para programação de aplicação
HTTP	HyperText Transfer Protocol - Protocolo de transferência de hipertexto
AMS	Arquitetura de microsserviços
DoS	Denial of Service - Negação de serviço
RFC	Request For Comments - Pedido de comentários
JSON	JavaScript Object Notation - Notação de objeto javaScript
DDD	Domain-driven Design - Projeto orientado a domínio
SSL	Secure Socket Layer - Camada de soquete seguro

# Sumário

<b>1</b>	<b>Introdução</b>	<b>6</b>
1.1	Objetivos	7
1.1.1	Objetivo geral	7
1.1.2	Objetivos específicos	7
1.2	Metodologia	7
<b>2</b>	<b>Fundamentação teórica</b>	<b>8</b>
	<i>Este capítulo apresenta uma introdução sobre as arquiteturas monolítica e de microsserviços, e investiga trabalhos relacionados.</i>	
2.1	As aplicações monolíticas	8
2.1.1	Benefícios	8
2.1.2	Limitações	9
2.2	Os microsserviços	9
2.2.1	Tipos de microsserviços	10
2.2.1.1	Serviço de dados (data service)	10
2.2.1.2	Serviço de negócio (business service)	11
2.2.1.3	Serviço de tradução (translation service)	11
2.2.1.4	Serviço de ponta (edge service)	11
2.3	Trabalhos relacionados	11
2.3.1	Microservices, IoT and Azure - capítulo 2: What is a microservice, por Familiar (2015)	11
2.3.2	A Systematic Mapping Study on Microservices Architecture in DevOps, por Waseem, Liang e Shatin (2020)	12
2.3.3	Design, monitoring, and testing of microservices systems: The practitioners' perspective, por Waseem et al. (2021)	12
<b>3</b>	<b>Características</b>	<b>13</b>
	<i>Este capítulo apresenta as propriedades e as vantagens dos microsserviços, assim como os desafios que acompanham suas implementações.</i>	
3.1	Propriedades dos microsserviços	13
3.1.1	Autonomia e Isolamento	13
3.1.2	Elasticidade, resiliência, e responsividade	13
3.1.3	Orientação-a-mensagens e programabilidade	13
3.1.4	Configurabilidade	14
3.1.5	Automação	14
3.2	Vantagens	14

3.2.1	Evolução	14
3.2.2	Possibilidade de uso de diferentes ferramentas	14
3.2.3	Alta velocidade	14
3.2.4	Reusável e combinável	15
3.2.5	Flexibilidade no ambiente de execução	15
3.2.6	Flexibilidade na escolha de tecnologias	15
3.2.7	Versionável e substituível	15
3.3	Desafios	15
3.3.1	Complexidade	16
3.3.2	Comunicação	16
3.3.3	[re]Organização	16
3.3.4	Plataforma	16
3.3.5	Identificação com DDD	17
3.3.6	Testes	17
3.3.7	Descoberta	17
<b>4</b>	<b>Boas práticas</b>	<b>18</b>
	<i>Este capítulo apresenta as boas práticas comumente seguidas na construção de aplicações com arquitetura de microsserviços.</i>	
4.1	Antes de tudo, comece pelo monólito	18
4.1.1	Provisionamento rápido	18
4.1.2	Monitoramento básico	19
4.1.3	Implantação rápida	19
4.2	Implantação	19
4.3	Comunicação entre microsserviços	19
4.4	Process aggregator pattern (Agregando serviços)	19
4.5	Edge pattern (Pontos de entrada para cada tipo de cliente)	20
4.6	A metodologia de 12 fatores	20
4.7	Monitoramento	21
4.7.1	Histórico (logs)	21
4.7.2	Métricas	22
4.8	Lidando com dados	22
4.9	APIs	23
4.9.1	Códigos de status de respostas HTTP	24
4.9.2	Troca de dados com JSON	24
4.9.3	Contratos de dados e versionamento	24
4.9.4	Segurança em APIs	25
4.9.5	Testar a API	26
4.9.6	Salvar a resposta no <i>cache</i>	26
4.9.7	Comprimir os dados	26

4.9.8	Paginar e filtrar . . . . .	26
4.9.9	PATCH ou PUT . . . . .	26
4.10	Testes . . . . .	27
<b>5</b>	<b>Soluções: Ferramentas . . . . .</b>	<b>28</b>
	<i>Este capítulo apresenta ferramentas comumente usadas na construção de aplicações com arquitetura de microserviços</i>	
5.1	Design, testes, e monitoramento . . . . .	28
5.2	Comunicação . . . . .	28
5.3	Flexibilidade . . . . .	29
5.4	APIs . . . . .	29
5.4.1	GraphQL . . . . .	29
5.4.2	API Gateway . . . . .	29
5.4.3	Ferramentas para testes em APIs . . . . .	29
5.4.4	Ferramentas para segurança em APIs . . . . .	29
5.4.4.1	Métodos de autenticação . . . . .	30
5.5	Implantação . . . . .	30
5.6	Plataformas . . . . .	30
<b>6</b>	<b>Conclusão . . . . .</b>	<b>31</b>
	<b>Referências . . . . .</b>	<b>33</b>

# 1

## Introdução

Todos que têm contato com o ramo do desenvolvimento de software provavelmente já ouviram o termo *SaaS (Software as a Service)*, ou software como um serviço. Mas ao contrário do que alguns pensam, essa expressão é mais do que apenas um modelo de negócio. O crescimento da internet e a onipresença da computação móvel tem mudado o jeito como software é desenvolvido nos últimos tempos. A tendência que tem-se observado é a de oferecer software não mais como um pacote completo e fechado, mas sim como um pacote flexível e em constante melhoria, o que implica na mudança do foco dos desenvolvedores para construir componentes leves e auto-contidos, que permitam que mudanças sejam desenvolvidas e implantadas rápida e independentemente. A partir disso originou-se um novo paradigma de desenvolvimento, chamado de "microsserviços", inspirado pela arquitetura orientada a serviços, e que tem ganhado grande popularidade nos últimos anos. ([Middleware Lab, 2021](#); [WASEEM et al., 2021](#)).

Se você quiser projetar um aplicativo que seja multilíngue, facilmente escalável, fácil de manter e implantar, altamente disponível e que minimize falhas, use a arquitetura microservices para projetar e implantar um aplicativo em nuvem. ([Oracle Corporation, 2021](#))

Esse estilo de arquitetura de software é amplamente considerado a melhor maneira de estruturar um sistema de software como um serviço. ([XU et al., 2016](#))

Nesse trabalho serão discutidos as características da arquitetura de microsserviços, as boas práticas que devem ser seguidas no desenvolvimento de aplicações com essa arquitetura, e as (soluções ou ferramentas?) mais usadas.

## 1.1 Objetivos

### 1.1.1 Objetivo geral

Discutir a arquitetura de microsserviços e suas características. Analisar as boas práticas e soluções mais usadas no desenvolvimento de aplicações que utilizam essa arquitetura. Modelar e implementar um exemplo de aplicação usando a arquitetura de microsserviços.

### 1.1.2 Objetivos específicos

- Caracterizar a arquitetura de microsserviços;
- Analisar boas práticas usadas na implementação de aplicações com arquitetura de microsserviços;
- Reunir ferramentas usadas na implementação de aplicações com arquitetura de microsserviços;
- Propor diretrizes para como migrar da arquitetura monolítica para a de microsserviços;
- Analisar a eficiência dessas boas práticas;
- Analisar a eficiência dessas ferramentas;
- Combinar algumas das ferramentas propostas para implementar uma aplicação exemplar com arquitetura de microsserviços, usando as boas práticas discutidas.

## 1.2 Metodologia

Para caracterizar a arquitetura de microsserviços, foram pesquisados as seguintes termos nas bases científicas ScienceDirect, SpringerLink e GoogleScholar:

- (microservices or microservice) and pattern
- (microservices or microservice) and provision

A partir dos principais resultados obtidos com essas buscas e os trabalhos em respectivas referências bibliográficas, foram extraídas as características que todo microsserviço deve ter.

(metodologia quanto aos objetivos, quanto a execução. passo a passo que vai seguir durante o trabalho. explicar como analisar/testar essa eficiência (objetivos específicos))



# 2

## Fundamentação teórica

*Este capítulo apresenta uma introdução sobre as arquiteturas monolítica e de microsserviços, e investiga trabalhos relacionados.*

### 2.1 As aplicações monolíticas

Aplicações monolíticas, também chamadas de monólitos, são aplicações que possuem as camadas de acesso aos dados, de regras de negócios, e de interface de usuário em um único programa em uma única plataforma. Os monólitos são autocontidos e totalmente independentes de outras aplicações. Eles são feitos não para uma tarefa em particular, mas sim para serem responsáveis por todo o processo para completar determinada função. Em outras palavras, as aplicações monolíticas têm problema de modularidade. Elas podem ser organizadas das mais variadas formas e fazer uso de padrões arquiteturais, mas são limitadas em muitos outros aspectos, citados na [subseção 2.1.2](#).

#### 2.1.1 Benefícios

O maior e melhor benefício da arquitetura monolítica é sua simplicidade. Uma aplicação simples é uma aplicação facilmente entendida pelos seus desenvolvedores, o que melhora sua manutenibilidade. Para aplicações com um domínio simples, como um e-commerce de produtos físicos por exemplo, optar por uma arquitetura complexa como a de microsserviços significaria adicionar uma enorme complexidade - provavelmente desnecessária - em seu desenvolvimento e infraestrutura.

Outra vantagem dos monólitos é sua facilidade de construção, tanto em relação a sua infraestrutura quanto ao seu desenvolvimento. Dentre todos os tipos de arquitetura, os monólitos têm o tipo de infraestrutura mais fácil de se construir, e além disso, neles geralmente não é necessário haver comunicação entre diferentes serviços ou máquinas, então os desenvolvedores não precisarão se preocupar com a complexidade que acompanha essa comunicação.

Até certo tamanho, são fáceis de manter porque são fáceis de serem entendidos. Porém, depois de crescer excessivamente, um monólito pode se tornar um emaranhado complexo de funcionalidades que são difíceis de diferenciar, de separar, e de manter. E então começam a surgir as limitações deles...

### **2.1.2 Limitações**

As limitações das aplicações monolíticas incluem:

#### **Crescimento, velocidade de desenvolvimento, e manutenção**

Depois de chegar num certo tamanho, torna-se muito difícil desenvolver funcionalidades novas, ou mesmo prover manutenção às já existentes. Padrões de organização podem amenizar a situação, mas não eliminam o problema.

#### **Confiabilidade**

#### **Escalabilidade**

#### **Reutilização**

#### **Implantação**

Necessidade de compilar toda a aplicação, mesmo as partes em que não houve mudanças, a cada implantação.

#### **Resiliência**

Falhas relativamente pequenas podem prejudicar toda a aplicação, mesmo as partes que não tiveram relação com a falha.

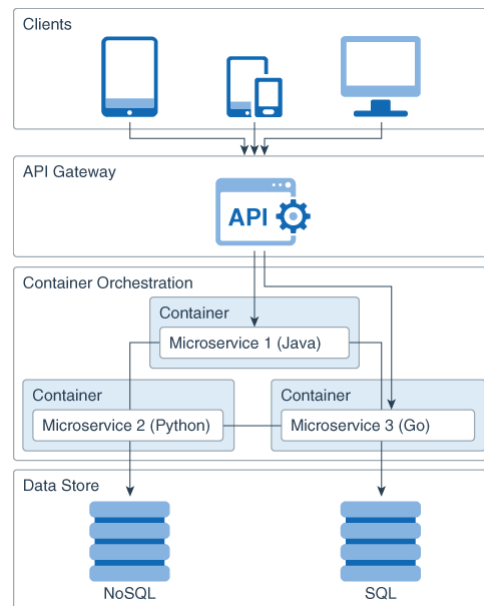
#### **Flexibilidade**

As escolhas de tecnologias são mais limitadas. Um projeto tende a usar apenas 1 solução devido a problemas de complexidade ou compatibilidade que podem surgir ao usar mais.

## **2.2 Os microserviços**

Microserviços é uma abordagem de arquitetura de software. Aplicações com uma arquitetura de microserviços são separadas em partes, chamadas de microserviços, que são classificadas e se comunicam por meio de uma rede. Microserviços oferecem capacidades de negócio (funcionalidades relacionadas às regras de negócio da aplicação) ou capacidades de plataforma (funcionalidades relacionadas ao ambiente de execução da aplicação), tratando um aspecto em particular da aplicação. Eles se comunicam por meio de APIs bem definidas, contratos

Figura 1 – Aplicação com arquitetura de microserviços



Fonte: Oracle Corporation (2021)

de dados, e configurações. O "micro" em microserviços faz referência não ao tamanho do serviço, mas sim ao seu escopo de funcionalidade. Eles oferecem apenas uma determinada funcionalidade, tornando-se especialistas nela. Assim sendo, microserviços não necessariamente devem ser pequenos em tamanho, mas fazem apenas uma tarefa e a fazem eficientemente. (FAMILIAR, 2015)

Sendo especialistas em apenas uma tarefa, microserviços têm características e comportamentos que os diferenciam de outras arquiteturas orientadas a serviços, os quais serão discutidos no Capítulo 3.

A Figura 1 exemplifica uma aplicação com arquitetura de microserviços. Inicialmente os usuários da aplicação (camada *Clients*) fazem requisições à API para obter as informações desejadas. O *API Gateway* - que é responsável por integrar os serviços e será melhor discutido no Capítulo 4 - fará as devidas requisições para os devidos microserviços (localizados na camada *Container Orchestration*). Esses microserviços então buscarão a informação necessária no devido banco de dados (camada *Data Store*).

## 2.2.1 Tipos de microserviços

### 2.2.1.1 Serviço de dados (data service)

Tipo de serviço mais baixo-nível. Responsável por receber e tratar dados, assim fornecendo acesso a determinado domínio e suas regras. Quando um serviço de dados realiza apenas operações relacionadas a um determinado domínio da aplicação, ele também é chamado de serviço de

domínio.

### 2.2.1.2 Serviço de negócio (business service)

Em determinados momentos as operações precisam de mais de um modelo do domínio para serem representadas em um serviço. Assim, os serviços de negócio agregam dados e oferecem operações mais complexas. Eles englobam vários serviços de domínio e proveem uma funcionalidade do negócio de nível mais alto, podendo também encapsular domínios relacionados. Por exemplo, em um site de cursos online, um serviço de negócio poderia prover uma funcionalidade chamada "Matricular Aluno", que envolveria as operações de inserir aluno no serviço de cursos, inserir aluno no serviço de pagamento, e inserir aluno no serviço de gamificação.

### 2.2.1.3 Serviço de tradução (translation service)

Um serviço de tradução é um intermediário entre a aplicação e um recurso externo, provendo uma forma de acessar esse recurso. No caso desse serviço externo sofrer mudanças, pode-se realizar as alterações consequentemente necessárias em apenas um lugar, nesse serviço de tradução. Por exemplo, a aplicação pode consumir uma API externa por meio do serviço de tradução, pedindo para que ele faça uma requisição para essa API, e então recebendo a resposta.

### 2.2.1.4 Serviço de ponta (edge service)

É um serviço que serve diretamente ao cliente, sendo customizado para atender necessidades específicas desse cliente. Por exemplo, pode existir um serviço de ponta para clientes móveis e outro serviço de ponta para clientes web.

## 2.3 Trabalhos relacionados

### 2.3.1 Microservices, IoT and Azure - capítulo 2: What is a microservice, por Familiar (2015)

O capítulo 2 do livro de Bob Familiar descreve o que é um microsserviço, suas características e implicações, benefícios, e desafios.

"Microservices do one thing and they do it well". Como é explicado por Familiar (2015), microsserviços representam business capabilities definidos usando o design orientado a domínio, são testados a cada passo do *pipeline* de implantação, e lançados por meio de automação, como serviços independentes, isolados, altamente escaláveis e resilientes em uma infraestrutura em nuvem distribuída. Pertecem a um time único de desenvolvedores, que trata o desenvolvimento do microsserviço como um produto, entregando software de alta qualidade em um processo rápido e iterativo com envolvimento do cliente e satisfação como métrica de sucesso.

Em contraste com o trabalho atual, [Familiar \(2015\)](#) não aborda boas práticas, padrões e ferramentas usadas no desenvolvimento de microsserviços.

### **2.3.2 A Systematic Mapping Study on Microservices Architecture in DevOps, por [Waseem, Liang e Shahin \(2020\)](#)**

Esse trabalho tem o objetivo de sistematicamente identificar, analisar, e classificar a literatura sobre microsserviços em DevOps. Inicialmente o leitor é contextualizado no mundo dos microsserviços e a cultura DevOps. Os autores usam a metodologia de pesquisa de um estudo de mapeamento sistemático da literatura publicada entre Janeiro de 2009 e Julho de 2018. Após selecionados 47 estudos, é feita a classificação deles de acordo com os critérios definidos pelos autores, e então é feita a discussão sobre os resultados obtidos - são expostos a quantidade de estudos sobre determinados tópicos em microsserviços, problemas e soluções, desafios, métodos de descrição, design patterns, benefícios, suporte a ferramentas, domínios, e implicações para pesquisadores e praticantes.

Em contraste com o trabalho atual, [Waseem, Liang e Shahin \(2020\)](#) não aborda as características dos microsserviços, mas também mapeia desafios enfrentados e soluções empregadas.

### **2.3.3 Design, monitoring, and testing of microservices systems: The practitioners' perspective, por [Waseem et al. \(2021\)](#)**

Esse trabalho tem o objetivo de entender como sistemas de microsserviços são projetados, monitorados, e testados na indústria. Foi conduzida uma pesquisa relativamente grande que obteve 106 respostas e 6 entrevistas com praticantes de microsserviços. Os resultados obtidos identificam os desafios que os praticantes enfrentam e as soluções empregadas no projeto, monitoramento e teste de microsserviços. Também é feita uma discussão profunda sobre os resultados, da perspectiva dos praticantes, e sobre as implicações para pesquisadores e praticantes.

Em contraste com o atual trabalho, [Waseem et al. \(2021\)](#) não abordam as características dos microsserviços.

# 3

## Características

*Este capítulo apresenta as propriedades e as vantagens dos microsserviços, assim como os desafios que acompanham suas implementações.*

### 3.1 Propriedades dos microsserviços

#### 3.1.1 Autonomia e Isolamento

Autonomia e isolamento significa que microsserviços são unidades auto-contidas de funcionalidade com dependências de outros serviços fracamente acopladas e são projetados, desenvolvidos, testados e lançados independentemente. O termo autônomo pode ser definido como - existe ou é capaz de existir independentemente das outras partes. O termo isolado, como - separado das outras partes. (FAMILIAR, 2015)

#### 3.1.2 Elasticidade, resiliência, e responsividade

Microsserviços são reusados entre muitas soluções diferentes e portanto devem ser escaláveis de acordo com o uso. Devem ser resilientes, isso é, ser tolerantes a falhas e ter um tempo de recuperação razoável quando algo der errado. Além disso, devem ser responsivos, tendo um desempenho razoável de acordo com o uso. O termo elástico pode ser definido como - capaz de retornar ao tamanho/formato original depois de ser esticado, comprimido ou expandido. O termo resiliente, como - resistente às mudanças negativas. O termo responsivo, como - Rápido em responder e reagir. (FAMILIAR, 2015)

#### 3.1.3 Orientação-a-mensagens e programabilidade

Microsserviços dependem de APIs e contratos de dados para definir como interagir com o serviço. A API define um conjunto de endpoints acessíveis por rede, e o contrato de dados define a estrutura da mensagem que é enviada ou retornada. O termo orientado-a-mensagens pode ser definido como - Software que conecta sistemas separados em uma rede, carregando e

distribuindo mensagens entre eles. O termo programável, como - Obedece a um plano de tarefas que são executadas para alcançar um objetivo específico. (FAMILIAR, 2015)

### 3.1.4 Configurabilidade

Microserviços devem provêr mais do que apenas uma API e um contrato de dados. Para que seja reusável e para que possa resolver as necessidades do sistema que o use, cada microserviço tem níveis diferentes de configuração, e esta configuração pode ser feita de diferentes formas. O termo configurável pode ser definido como - Projetado ou adaptado para formar uma configuração ou para algum propósito. (FAMILIAR, 2015)

### 3.1.5 Automação

O ciclo de vida de um microserviço deve ser totalmente automatizado, desde o planejamento (projeto) até a implantação. O termo automatizado pode ser definido como - Funcionar sem precisar ser controlado diretamente. (FAMILIAR, 2015)

## 3.2 Vantagens

### 3.2.1 Evolução

Quanto maior e mais antigo o software, mais difícil é de dar manutenção, e monólitos envelhecem com maior velocidade do que microserviços. Entretanto, é possível migrar de um sistema monolítico para a arquitetura de microserviços aos poucos, um serviço por vez, identificando capacidades de negócio, implementando-as como um microserviço, e integrando com uso de padrões de baixo acoplamento. Ao longo do tempo, mais e mais funcionalidades podem ser separadas e implementadas como microserviço, até que o núcleo da aplicação monolítica se transforme em apenas um outro serviço, ou um microserviço. (FAMILIAR, 2015)

### 3.2.2 Possibilidade de uso de diferentes ferramentas

Cada microserviço disponibiliza suas funcionalidades por meio de APIs e contratos de dados em uma rede. A comunicação independe da arquitetura que o microserviço faz uso, então cada microserviço pode escolher seu sistema operacional, linguagem e banco de dados. Isso é especialmente valioso para times com dificuldade de comunicação, pois cada time precisa apenas de conhecimento da arquitetura do microserviço em que trabalha. (FAMILIAR, 2015)

### 3.2.3 Alta velocidade

Com um time responsável por cuidar do ciclo de desenvolvimento e sua automação, a velocidade com que microserviços podem ser desenvolvidos é muito maior do que fazer o

equivalente para uma solução monolítica. ([FAMILIAR, 2015](#))

### 3.2.4 Reusável e combinável

Microserviços são reusáveis por natureza. Eles são entidades independentes que provêm funcionalidades em um determinado escopo por meio de padrões de internet aberta. Para criar soluções para o usuário final, múltiplos microserviços podem ser combinados. ([FAMILIAR, 2015](#))

### 3.2.5 Flexibilidade no ambiente de execução

A implantação de microserviços é altamente dependente de sua automação. Para garantir flexibilidade de ambiente de execução, essa automação pode incluir configuração de cenários diferentes de uso, não apenas para produção, mas também para desenvolvimento e testagem, possibilitando que o microserviço tenha o melhor desempenho em diversos cenários. Para tanto, é necessário o uso de ferramentas que configurem essa flexibilidade. ([FAMILIAR, 2015](#)). Tais ferramentas serão melhor discutidas no [Capítulo 5](#).

### 3.2.6 Flexibilidade na escolha de tecnologias

Cada microserviço pode ser desenvolvido usando uma linguagem de programação e estrutura que melhor se adapte ao problema que ele é projetado para resolver, o que oferece mais possibilidades de tecnologias para usar. ([Oracle Corporation, 2021](#))

### 3.2.7 Versionável e substituível

Com o controle completo dos cenários de implantação, é possível manter versões diferentes de um mesmo serviço rodando ao mesmo tempo, proporcionando retrocompatibilidade e fácil migração. Além disso, serviços podem ser atualizados ou mesmo substituídos sem ocasionar indisponibilidade do serviço. ([FAMILIAR, 2015](#))

## 3.3 Desafios

De acordo com [Xu et al. \(2016\)](#), os três grandes desafios do desenvolvimento de aplicações com arquitetura de microserviços são

- 1 - Como programar sistemas que consistem de um grande número de serviços executando em paralelo e distribuídos em um conjunto de máquinas;

- 2 - Como reduzir a sobrecarga de comunicação causada pela execução de grandes números de pequenos serviços;



3 - Como sustentar a implantação flexível de serviços em uma rede para conseguir realizar o balanceamento de carga.

Esses e outros desafios podem ser divididos em tópicos mais específicos, abordados a seguir.

### 3.3.1 Complexidade

O uso da arquitetura de microsserviços implica num grande aumento de complexidade não apenas na infraestrutura, mas também em algumas etapas do ciclo de desenvolvimento do software, como no *debug* ou nos testes por exemplo. Consequentemente, muitos outros desafios surgem a partir dessa complexidade. Além disso, o uso de diversas tecnologias pode trazer problemas por inexperiência dos desenvolvedores. De acordo com [Waseem et al. \(2021\)](#), mais pesquisas são necessárias para lidar com a complexidade dos microsserviços no nível de *design* (projeto), de monitoramento, e de testes, desafios para qual não há soluções dedicadas.

### 3.3.2 Comunicação

- Comunicação entre os serviços deve ser bem pensada

cross-platform compatibility issues and inconsistent call standards issues in the process of development and call microservices. ([ZUO et al., 2020](#))

### 3.3.3 [re]Organização

Organizar o sistema e o time para sustentar uma arquitetura de microsserviços é um grande desafio. Como explica [Familiar \(2015\)](#):

If you are part of a command-and-control organization using a waterfall software project management approach, you will struggle because you are not oriented to high-velocity product development. If you lack a DevOps culture and there is no collaboration between development and operations to automate the deployment pipeline, you will struggle. ([FAMILIAR, 2015](#))

### 3.3.4 Plataforma

Criar o ambiente de execução para microsserviços requer um grande investimento em infraestrutura dinâmica em *data centers* dispersos para garantir maior disponibilidade. Se sua atual plataforma *on-premises* não suporta automação, infraestrutura dinâmica, escalamento elástico e alta disponibilidade, deve-se considerar uma plataforma na nuvem. ([FAMILIAR, 2015](#)). Mais sobre soluções na nuvem será discutido no [Capítulo 5](#).

### 3.3.5 Identificação com DDD

Domain-driven design (projeto orientado a domínio) é uma técnica bem consolidada e muito usada no desenvolvimento de software. Entretanto, para aplicá-la em microsserviços, é necessário analisar onde cada peça desse padrão de projeto deve ficar. Veja a ?? para um possível caminho a ser seguido.

### 3.3.6 Testes

Assim como em qualquer aplicação, o teste é uma parte crucial do seu desenvolvimento. Escrever e testar código não muda muito entre as arquiteturas monolítica e de microsserviços, contudo, nos microsserviços existem mais testes a serem executados. Não deve-se testar o microsserviço apenas antes de seu lançamento, mas sim em cada passo do *pipeline* de implantação, sempre automatizando o máximo de etapas possível, para assim garantir uma entrega rápida de software de qualidade. (FAMILIAR, 2015)

### 3.3.7 Descoberta

Encontrar microsserviços em um ambiente distribuído pode ser feito de algumas maneiras diferentes. A informação pode ser armazenada diretamente no código, pode ser guardada e acessada em um arquivo, ou pode ser construído um microsserviço para encontrar outros microsserviços e disponibilizar suas localizações. Contudo, para prover detectabilidade como um serviço será necessário adquirir um produto de terceiros, integrar um projeto aberto, ou desenvolver sua própria solução. (FAMILIAR, 2015)

# 4

## Boas práticas

*Este capítulo apresenta as boas práticas comumente seguidas na construção de aplicações com arquitetura de microsserviços.*

### 4.1 Antes de tudo, comece pelo monólito

But as with any architectural decision there are trade-offs. In particular with microservices there are serious consequences for operations, who now have to handle an ecosystem of small services rather than a single, well-defined monolith. Consequently if you don't have certain baseline competencies, you shouldn't consider using the microservice style. (FOWLER, 2014)

Fowler (2014) afirma que existem 3 pré-requisitos para se adotar uma arquitetura de microsserviços, e que é mais fácil lidar com as operações de um monólito bem definido do que de um ecossistema de pequenos serviços. Assim sendo, é uma boa prática começar pela arquitetura monolítica até que o sistema já esteja bem definido e estes pré-requisitos sejam atendidos - provisionamento rápido, monitoramento básico, e implantação rápida de aplicação.

Já (LUMETTA, ) concorda com a convenção de começar pelo monólito, mas afirma que podem existir exceções. Ele descreve 3 condições que podem tornar a adoção de uma arquitetura de microsserviços em uma nova aplicação a escolha correta. Elas são: Há necessidade de entrega de serviços rápida e independentemente, parte da plataforma precisa ser extremamente eficiente, e planeja-se aumentar o time.

#### 4.1.1 Provisionamento rápido

No contexto da computação, provisionamento significa disponibilizar um recurso, como uma máquina virtual por exemplo. Para produzir software, é necessário provisionar muitos recursos, tanto para os desenvolvedores quanto para o cliente. Naturalmente, o provisionamento é mais fácil na nuvem. Na AWS por exemplo, para conseguir uma nova máquina, basta lançar uma nova instância e acessá-la - um processo muito rápido quando comparado ao *on-premises*,

onde precisaria-se comprar uma nova máquina, esperar chegar, configurá-la, e só então ela estará pronta. Para alcançar um provisionamento rápido, será necessário bastante automação. (FOWLER, 2014)

### 4.1.2 Monitoramento básico

Muitas coisas podem dar errado em qualquer tipo de arquitetura, mas em especial nos microserviços pois cada serviço é fracamente acoplado, estando sujeitos não só a falhas no código, mas também na comunicação, na conexão, ou até falhas físicas. Portanto o monitoramento é crucial nesse tipo de arquitetura para que problemas, especialmente os mais graves possam ser detectados no menor tempo possível. Além disso, o monitoramento também pode ser usado para detectar problemas de negócio, como uma redução nos pedidos de um site de vendas, por exemplo. (FOWLER, 2014)

### 4.1.3 Implantação rápida

Na arquitetura de microserviços a implantação geralmente é feita separadamente para cada microserviço. Com muitos serviços para gerenciar, ela pode se tornar uma tarefa árdua, portanto será novamente necessário uma automação dessa etapa, que geralmente envolve um *pipeline* de implantação, que deve ser automatizado o máximo possível. (FOWLER, 2014)

## 4.2 Implantação

Automação.

## 4.3 Comunicação entre microserviços

De acordo com Waseem et al. (2021), API Gateways, e *Backend for frontend* são os padrões mais utilizados. E embora seja incomum, RPC também pode ser utilizado em conjunto com APIs para auxiliar na comunicação. Sendo APIs um tópico essencial na comunicação entre microserviços, serão abordadas em maior profundidade na [seção 4.9](#)

## 4.4 Process aggregator pattern (Agregando serviços)

Agrega serviços de negócio (É ainda mais alto nível)

Fazem as chamadas para os serviços necessários e montam uma resposta adequada

Deve ter uma lógica de processamento, e não ser apenas um proxy. No mínimo deve unir a resposta de diversos serviços

Para construir um agregador, define-se um novo modelo para o sistema, que representará os dados agregados como um subnegócio

A partir deste modelo, pensar na API que fornecerá as operações

A ideia é relativamente simples, mas a implementação pode ser complexa

## 4.5 Edge pattern (Pontos de entrada para cada tipo de cliente)

Gateway específico para determinados clientes

Foco nas necessidades reais de determinados clientes

Esses clientes podem ser clientes da API, como clientes HTTP, ou clientes de negócio mesmo

Por exemplo, em vez de modificar a lógica de negócios, cria-se um novo 'edge', que receberá a resposta e modificará de acordo com a necessidade do cliente

Uma possibilidade seria trabalhar apenas com edge services, e nenhum API gateway, isso é, não existiria um ponto único de entrada universal, mas sim um para cada tipo de cliente

Para construir uma edge (ponta), deve-se primeiro Identificar o cliente e suas necessidades, e Construir contratos específicos para o cliente, isso é, ter recursos diferentes para cada cliente. Por exemplo, a URL pode ser diferente de cliente web para clientes mobile.

## 4.6 A metodologia de 12 fatores

A metodologia de 12 fatores para o desenvolvimento de aplicativos é um conjunto de regras e diretrizes para o desenvolvimento de aplicativos nativos da nuvem e Software as a Service (SaaS). ([Oracle Corporation, 2021](#))

A aplicação doze-fatores é uma metodologia para construir softwares-como-serviço que:

Usam formatos declarativos para automatizar a configuração inicial, minimizar tempo e custo para novos desenvolvedores participarem do projeto;

Tem um contrato claro com o sistema operacional que o suporta, oferecendo portabilidade máxima entre ambientes que o executem;

São adequados para implantação em modernas plataformas em nuvem, evitando a necessidade por servidores e administração do sistema;

Minimizam a divergência entre desenvolvimento e produção, permitindo a implantação contínua para máxima agilidade;

E podem escalar sem significativas mudanças em ferramentas, arquiteturas, ou práticas de desenvolvimento.

Este documento sintetiza toda nossa experiência e observação em uma variedade de aplicações que operam como software-como-serviço. Isto é a triangulação de práticas ideais ao desenvolvimento de software, com uma atenção particular a respeito das dinâmicas de crescimento orgânico de uma aplicação ao longo do tempo, a dinâmica de colaboração entre desenvolvedores trabalhando em uma base de código, e evitando os custos de erosão de software

A metodologia doze-fatores pode ser aplicada a aplicações escritas em qualquer linguagem de programação, e que utilizem qualquer combinação de serviços de suportes (banco de dados, filas, cache de memória, etc).

12-Factor Application - É uma metodologia de desenvolvimento que diz que os logs devem ser um stream de dados. Esses logs podem ser impressos na saída padrão, e um serviço específico de logs coleta esses logs, faz o parse, categorização, relatório e todo processamento necessário - <https://12factor.net/>

I. Base de Código Uma base de código com rastreamento utilizando controle de revisão, muitos deploys II. Dependências Declare e isole as dependências III. Configurações Armazene as configurações no ambiente IV. Serviços de Apoio Trate os serviços de apoio, como recursos ligados V. Construa, lance, execute Separe estritamente os builds e execute em estágios VI. Processos Execute a aplicação como um ou mais processos que não armazenam estado VII. Vínculo de porta Exporte serviços por ligação de porta VIII. Concorrência Dimensione por um modelo de processo IX. Descartabilidade Maximizar a robustez com inicialização e desligamento rápido X. Dev/prod semelhantes Mantenha o desenvolvimento, teste, produção o mais semelhante possível XI. Logs Trate logs como fluxo de eventos XII. Processos de Admin Executar tarefas de administração/gerenciamento como processos pontuais (WIGGINS, 2017)

## 4.7 Monitoramento

Em qualquer aplicação o monitoramento é importante para garantir um bom funcionamento. Nas aplicações com arquitetura de microsserviços o monitoramento se torna indispensável, além de mais complexo.

resource usage and load balancing as monitoring metrics, log management and exception tracking as monitoring practices are widely used (WASEEM et al., 2021)

### 4.7.1 Histórico (logs)

Manter um histórico do que aconteceu no microsserviço é uma das formas mais simples de se implementar monitoramento. O formato dos logs deve ser igual em todos os serviços, para facilitar escrita, leitura e operações.

Lidando com logs

Logs são importantes sempre, mas especialmente em microserviços. Pode haver um serviço dedicado para logs, ou um sidecar de logs. Logs informam sobre o estado e a saúde do sistema.

Agregando logs O formato dos logs (pesquisar formatos?) deve ser compartilhado entre todos os serviços, deve ser igual.

Também deve existir uma taxonomia comum. (Logs de erro, de warning, etc)

Logs de monolitos são agregados por padrão.

Todos os logs de todos os microserviços devem ser agregados e organizados em um ponto para que possam ser consultados com facilidade.

Um motivo importante para organizar os logs é rastrear as chamadas de uma execução. Devemos poder reconstruir uma operação a partir de um identificador. Isso é o equivalente à stack-trace de um sistema monolítico.

Usar padrões bem consolidados de trace ID para gerar logs.

Usar ferramentas de gerenciamento (APMs - Application performance management) para visualizar essas stack-traces.

## 4.7.2 Métricas

Agregando métricas

Logs precisam ser desenvolvidos, mas métricas só precisam de instrumentação - o que não é uma tarefa simples - pois geralmente as ferramentas já possuem as próprias métricas ou já existem métodos consolidados para monitoramento, como um servidor web por exemplo que já grava quando é recebida uma requisição, ou para medir uso de cpu do servidor por exemplo, já existem diversas ferramentas para isso.

Métricas nos permitem saber o que está acontecendo em qualquer momento, e decidir que ações devem ser tomadas a partir disso. Escalar um serviço que recebe muitas requisições por exemplo, ou diminuir um que não. Métricas podem servir até para questões de negócios e de business intelligence.

Usar dashboards de alto nível para facilitar a visualização e monitoramento do status da aplicação

Posteriormente, ter dashboards específicos para cada serviço, com mais detalhes.

## 4.8 Lidando com dados

"A estabilidade do serviço está diretamente relacionada ao banco de dados que ele acessa."

- Single service database Problema: Escalabilidade do serviço e do banco são fortemente relacionados. Solução: Cada serviço (quando necessário) terá seu próprio banco de dados.

- Shared service database Problema: Às vezes precisamos centralizar os dados (talvez por motivos contratuais, por exemplo, dois dados acessados por microserviços diferentes precisam estar disponível no mesmo banco de dados). Nesse caso o banco escala conforme a necessidade do maior desses microserviços. Solução: Tratar esse banco em cada serviço como se ele fosse separado.

Geralmente há preferência pelo **single service database**, não compartilhando bancos de dados entre serviços. Mas quando necessário, usa-se o **shared service database**, mas sempre tratando o banco de dados em cada serviço como se ele fosse separado. Com cada serviço tendo seu próprio banco, a escalabilidade do serviço e banco pode ser feita em conjunto. Assim, serviços que recebem poucos acessos podem ter bancos menos potentes e mais baratos, e vice-versa.

- Um padrão de codificação: CQRS - Command Query Responsibility Segregation (Segregação da responsabilidade entre o comando e uma busca) "At its heart, [CQRS] is the notion that you can use a different model to update information than the model you use to read information. For some situations, this separation can be valuable, but beware that **for most systems, CQRS adds risky complexity**."

Ou seja, usar um modelo para leitura (busca) e outro modelo diferente para escrita (inserção/edição). É possível ter um banco de dados de escrita e outro de leitura, e fazer uma sincronização entre esses. Essa ideia é muito facilitada usando-se o padrão CQRS.

- . Com leitura e escrita separados, cada parte pode realizar operações mais complexas . O modelo de leitura pode ter informações agregadas de outros domínios . O modelo de escrita pode ter dados sendo automaticamente gerados . Aumenta **muito** a complexidade de um sistema

- Eventos assíncronos [Um tipo de arquitetura: Event sourcing - ter toda a base dos dados através de eventos. Para reconstruir os dados, há uma lista de eventos (Pesquisar mais)] . Determinados problemas não podem ser resolvidos na hora. (Um pagamento, por exemplo) . Um serviço emite um evento que será tratado em seu devido tempo . Usar tecnologias de mensageria e serviços de stream de dados - filas de mensageria: RabbitMQ. Serviço de streaming de dados: Kafka)

## 4.9 APIs

Considerando que APIs são uma parte crucial no desenvolvimento de microserviços, sendo responsável por grande parte da comunicação que se faz necessária para conectar tantos serviços separados e manter um funcionamento eficiente e livre de falhas, esse trabalho terá um foco grande em boas práticas no desenvolvimento de APIs.



### 4.9.1 Códigos de status de respostas HTTP

Esses códigos são números entre 100 e 599, cada um tendo um significado diferente, e cada centena sendo classificada em tipos diferentes de resposta. 100-199 representam respostas de informação. 200-299 representam respostas de sucesso. 300-399 representam tipos de redirecionamentos. 400-499 representam erros por parte do cliente. 500-599 representam erros por parte do servidor. Isso é um padrão definido na seção 10 da RFC 2616 ([NIELSEN et al., 1999](#)), e facilita com que o cliente entenda o que aconteceu com a requisição à API. Esses códigos devem ser enviados juntos com a resposta à requisição.

### 4.9.2 Troca de dados com JSON

Atualmente JSON é um dos formatos mais populares para troca de dados na web, pelo fato de ser facilmente lido tanto por humanos quanto por máquinas. Em APIs, JSON é usado para enviar e receber requisições por meio do protocolo HTTP, sendo uma solução robusta para a comunicação entre cliente e servidor. Embora seja derivado do JavaScript, JSON também é suportado por muitas outras linguagens, seja nativamente ou por meio de bibliotecas. ([BOURHIS; REUTTER; VRGOČ, 2020](#))

### 4.9.3 Contratos de dados e versionamento

Uma API depende de contratos de dados, isso é, uma definição dos dados que serão recebidos e retornados. Esse contrato implica num compromisso de manter o serviço correspondente funcionando e inalterado. Entretanto, é possível desenvolver melhorias ou adicionar funcionalidades sem quebrar o contrato. Para tanto, deve ser feito um versionamento da API e deve ser mantida a transparência com os clientes que a usam. Por exemplo, sempre que algo for alterado é preciso atualizar a documentação.

Para fazer o versionamento, pode-se usar o processo de versionamento de software para representar os estados da API. Nesta técnica, usa-se três números para representar a versão, por exemplo "2.3.7". O primeiro representa a versão maior, o segundo, a versão menor, e o terceiro, o patch (pequena atualização para consertar ou melhorar algo). ([SOFTWARE. . . , 2022](#))

Em uma API, para cumprir o contrato de dados, apenas modificações aditivas podem ser feitas, tais como novos endpoints ou novos campos opcionais em algum recurso. Quando isso é feito, a versão da API muda de 2.3.7 para 2.4.0 ou para 2.3.8 dependendo do tamanho da mudança.

Quando é necessário realizar alterações que descumprem o contrato, deve-se alterar a versão maior da API, por exemplo passando de 2.3.7 para 3.0.0. Nesses casos, é importante manter a versão anterior funcionando e inalterada, criando uma nova rota para acessar a versão nova, para que clientes usando a versão anterior não apresentem falhas.

## 4.9.4 Segurança em APIs

### Autenticação

Incluir autenticação em uma API consiste em exigir uma prova de autorização do uso da API. A autenticação nas APIs é indispensável para aumentar a segurança, e existem formas diferentes de implementá-la, as quais serão melhor discutidas no [Capítulo 5](#).

### Validação de entradas

Validar entradas significa verificar as requisições que chegam com o intuito de garantir que elas não contêm dados impróprios, tais como injeções de SQL ou *scripting* entre sites (scripting significa executar uma determinada sequência de comandos). Essa validação deve ser implementada tanto em nível sintático como em semântico, isso é, tanto impondo correção da sintaxe quanto impondo correção de valores. ([RapidAPI, 2022](#))

### Certificado Secure Socket Layer (SSL)

Usar um certificado SSL permite que o protocolo HTTPS seja usado em vez do HTTP, criptografando as informações que estão trafegando, o que adiciona uma camada de segurança. ([RapidAPI, 2022](#))

### API Gateway

Um *API Gateway* funciona como uma porta única de entrada para as APIs de cada serviço, padronizando e controlando o acesso aos serviços e APIs. Esse gateway fica situado entre o cliente e os serviços do *backend*, e é responsável por redirecionar as requisições recebidas para os serviços apropriados, assim o gerenciamento das chamadas pode ser feita em apenas um lugar em vez de em cada API de cada serviço. Entretanto, isso possivelmente cria um ponto massivo de falha, portanto deve-se implementar uma camada de segurança e de monitoramento. Um *API Gateway* pode simplesmente autorizar e redirecionar requests, ou pode também usar *Decorators*, para adicionar informações necessárias às requisições. ([RapidAPI, 2022](#))

### Limitação de taxa de requisições

Limitar a taxa de requisições é um jeito de proteger a infraestrutura do servidor nos casos de acontecerem grandes fluxos de requisições, tal como em um ataque de *DoS* (negação de serviço). Clientes terão seu acesso bloqueado caso enviem uma quantidade de requisições acima do limite determinado. ([RapidAPI, 2022](#))

### Compartilhar o mínimo possível

Compartilhar o mínimo possível é uma medida de segurança genérica que pode ser adotada em qualquer microserviço. Especificamente nas APIs, deve-se retornar estritamente

apenas os dados necessários para o cliente. Muitas ferramentas usadas para implementar APIs incluem por padrão informações como se fossem marcas d'água, mas que podem ser removidas, tal como headers "X-Powered-By", que vazam informações do servidor que podem auxiliar usuários mal-intencionados. ([RapidAPI, 2022](#))

#### 4.9.5 Testar a API

Testar uma API isoladamente serve para determinar se ela atende a parâmetros pré-definidos ou não. Tais parâmetros podem ser o cumprimento da funcionalidade, a confiabilidade, a latência, o desempenho, e a segurança. Quando um teste de API falha, deverá ser possível saber precisamente onde o problema se encontra, assim aumentando a velocidade de desenvolvimento e a qualidade do produto. As ferramentas que podem ser utilizadas para testes em APIs são discutidas na sessão [subseção 5.4.3](#).

#### 4.9.6 Salvar a resposta no *cache*

Às vezes referido como *cachear*, salvar informações no *cache* melhora o tempo de busca da informação. Em uma API podem haver múltiplas requisições para a mesma informação em um curto intervalo de tempo, e para cada requisição será necessário buscar a informação. Entretanto, se a informação estiver salva no *cache*, não será necessário buscar essa informação, o que melhora o tempo de resposta da API, especialmente em *endpoints* que frequentemente retornam a mesma resposta. ([RapidAPI, 2022](#))

#### 4.9.7 Comprimir os dados

A transferência de cargas grandes pode diminuir a velocidade da API. Comprimir os dados auxilia nesse problema, diminuindo o tamanho da carga e aumentando a velocidade de transferência. ([RapidAPI, 2022](#))

#### 4.9.8 Paginar e filtrar

A Paginação separa e categoriza resultados, enquanto a filtragem retorna apenas os resultados relevantes de acordo com os parâmetros da requisição. A paginação e filtragem de resultados reduz a complexidade da resposta e facilitam o uso da API. ([RapidAPI, 2022](#))

#### 4.9.9 PATCH ou PUT

Quando é necessário modificar um recurso em uma API, usa-se os métodos HTTP PUT ou PATCH. Enquanto PUT atualiza o recurso inteiro, PATCH atualiza apenas uma parte específica do recurso, assim usando uma carga de dados menor. Portanto, quando possível deve-se usar PATCH em vez de PUT para modificar um recurso. ([RapidAPI, 2022](#))

## 4.10 Testes

O processo de testes para microsserviços engloba várias estratégias diferentes de testes. Essas estratégias podem ser incluir testes funcionais, como um teste de unidade, ou testes não-funcionais, como um teste de desempenho. Usar múltiplas estratégias de testes garante que a aplicação opera com sucesso em ambientes e plataformas diferentes.

De acordo com [Waseem et al. \(2021\)](#), testes de unidade e testes fim-a-fim são as estratégias de testes mais usadas. Mas de acordo com ([FAMILIAR, 2015](#)), deve-se também testar os microsserviços conforme passam pelo *pipeline* de implantação. Isso inclui:

- Testes internos: Testar as funções internas do serviço, inclusive uso de acesso de dados, e caching.
- Teste de serviço: Testar a implementação de serviço da API. Essa é uma implementação privada da API e seus modelos associados.
- Teste de protocolo: Testar o serviço no nível de protocolo, chamando a API sobre o determinado protocolo (geralmente HTTP).
- Teste de composição: Testar o serviço em cooperação com outros serviços no contexto de uma solução.
- Teste de escalabilidade/taxa de transferência: Testar a escalabilidade e elasticidade do microsserviço implantado.
- Teste de tolerância a falha: Testar a capacidade do microsserviço de recupera-se após uma falha.
- Teste de penetração: Trabalhar com uma empresa terceirizada de segurança de software para realizar testes de penetração no sistema. ([FAMILIAR, 2015](#))

# 5

## Soluções: Ferramentas

*Este capítulo apresenta ferramentas comumente usadas na construção de aplicações com arquitetura de microsserviços*

### 5.1 Design, testes, e monitoramento

De acordo com [Waseem et al. \(2021\)](#), mais pesquisas são necessárias para lidar com a complexidade dos microsserviços no nível de *design* (projeto), de monitoramento, e de testes, desafios para qual não há soluções dedicadas.

Our findings reveal that more research is needed to address the monitoring and testing challenges through dedicated solutions. ([WASEEM et al., 2021](#))

Teste de penetração: NOTE: This will requires cooperation with Microsoft if you are pen testing microservices deployed to Azure.

### 5.2 Comunicação

#### API Gateway

Amazon API Gateway <<https://aws.amazon.com/pt/api-gateway/>>

#### RPC

gRPC <<https://grpc.io/>>

#### Comunicação Assíncrona

RabbitMQ

## 5.3 Flexibilidade

Ferramentas de Auto Scaling da AWS

## 5.4 APIs

### 5.4.1 GraphQL

A query language for your API

GraphQL is a query language for APIs and a runtime for fulfilling those queries with your existing data. GraphQL provides a complete and understandable description of the data in your API, gives clients the power to ask for exactly what they need and nothing more, makes it easier to evolve APIs over time, and enables powerful developer tools. ([The GraphQL Foundation, 2018](#))

### 5.4.2 API Gateway

Amazon API Gateway <[https://aws.amazon.com/pt/api-gateway/?nc1=h\\_ls](https://aws.amazon.com/pt/api-gateway/?nc1=h_ls)>

API Gateways are an all-in-one way to implement security, monitoring, and overall API management. They are a single entry point for API calls. They sit between the clients and a number of backend services to handle calls appropriately.

### 5.4.3 Ferramentas para testes em APIs

RapidAPI offers RapidAPI Client for VS Code to test APIs locally inside Visual Studio Code. You can also schedule API tests using RapidAPI Studio.

programar os testes em uma linguagem de programação

cURL

postman

solução integrada ao VSCode - thunderclient

### 5.4.4 Ferramentas para segurança em APIs

Autenticação - Always use secure authentication methods such as OAuth, JWTs, or API Keys. It's not recommended to use basic HTTP authentication as it sends user credentials with each request. It is considered the least secure method.

Validação de entradas - Métodos de validação de entrada: JSON and XML Schema validation; Regular expressions; Data type validators available in framework; Minimum and maximum value range check for numerical inputs; Minimum and maximum length check for strings.

#### 5.4.4.1 Métodos de autenticação

API Keys are unique identifiers assigned to clients, which grant them access to an API. They are passed to the server with every request and authenticate the client. They also provide authorization and can be used to identify a user's individual access permissions. API Keys are long alphanumerical strings designed to be almost impossible to guess. They are passed to servers as a query parameter or in an HTTP request header.

OAuth is a powerful framework that uses tokens to give apps limited access to a user's data without needing the user's password. The tokens used are restricted and only allow access to data that the user specified for the particular app. It works by the user(client) first requesting authorization from the resource owner. The user is then given a unique access token from an authorization server used in each request to the resource server.

Basic HTTP authentication involves the client passing the user's username and password with every request. This is done using an HTTP Header. Basic HTTP authentication is generally considered the least secure. However, if you decide to use it, ensure you are using an HTTPS connection. If not, data is a risk of being leaked.

Ferramenta para rate limiting. ([RapidAPI, 2022](#))

## 5.5 Implantação

docker, kubernetes

## 5.6 Plataformas

Microsoft Azure is a microservice platform, and it provides a fully automated dynamic infrastructure, SDKs, and runtime containers along with a large portfolio of existing microservices that you can leverage, such as DocumentDb, Redis In-Memory Cache, and Service Bus, to build your own microservices catalog. ([FAMILIAR, 2015](#))

AWS

Uma solução para a sobrecarga na execução de tantos microserviços é a um ambiente de desenvolvimento integrado na linguagem CAOPLE ([XU et al., 2016](#)). Essa plataforma oferece grande controle sobre a implantação e testagem de microserviços.

# 6

## Conclusão

Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit. Ut purus elit, vestibulum ut, placerat ac, adipiscing vitae, felis. Curabitur dictum gravida mauris. Nam arcu libero, nonummy eget, consectetur id, vulputate a, magna. Donec vehicula augue eu neque. Pellentesque habitant morbi tristique senectus et netus et malesuada fames ac turpis egestas. Mauris ut leo. Cras viverra metus rhoncus sem. Nulla et lectus vestibulum urna fringilla ultrices. Phasellus eu tellus sit amet tortor gravida placerat. Integer sapien est, iaculis in, pretium quis, viverra ac, nunc. Praesent eget sem vel leo ultrices bibendum. Aenean faucibus. Morbi dolor nulla, malesuada eu, pulvinar at, mollis ac, nulla. Curabitur auctor semper nulla. Donec varius orci eget risus. Duis nibh mi, congue eu, accumsan eleifend, sagittis quis, diam. Duis eget orci sit amet orci dignissim rutrum.



# Plano de Continuidade

Analisar a eficiência desses padrões e práticas.

Analisar a eficiência dessas soluções e ferramentas.

Propor uma combinação desses padrões e dessas ferramentas para a construção de uma aplicação com arquitetura de microsserviços.

# Referências

- BOURHIS, P.; REUTTER, J. L.; VRGOČ, D. JSON: Data model and query languages. *Information Systems*, v. 89, p. 101478, mar. 2020. ISSN 03064379. Disponível em: <https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S0306437919305307>. Citado na página 24.
- FAMILIAR, B. What is a microservice? In: \_\_\_\_\_. *Microservices, IoT, and Azure: Leveraging DevOps and Microservice Architecture to Deliver SaaS Solutions*. Berkeley, CA: Apress, 2015. p. 9–19. ISBN 978-1-4842-1275-2. Disponível em: [https://doi.org/10.1007/978-1-4842-1275-2\\_2](https://doi.org/10.1007/978-1-4842-1275-2_2). Citado 11 vezes nas páginas 3, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 27 e 30.
- FOWLER, M. *bliki: MicroservicePrerequisites*. 2014. Blog do Martin Fowler. Disponível em: <https://martinfowler.com/bliki/MicroservicePrerequisites.html>. Acesso em: 06 Oct 2022. Citado 2 vezes nas páginas 18 e 19.
- LUMETTA, J. *Microservices for Startups: Should you always start with a monolith?* Disponível em: <https://buttercms.com/books/microservices-for-startups/should-you-always-start-with-a-monolith/>. Citado na página 18.
- Middleware Lab. *What are Microservices? How Microservices architecture works*. Middleware Lab, 2021. Disponível em: <https://middleware.io/blog/microservices-architecture/>. Citado na página 6.
- NIELSEN, H. et al. *Hypertext Transfer Protocol – HTTP/1.1*. [S.l.], 1999. Disponível em: <https://datatracker.ietf.org/doc/rfc2616/>. Citado na página 24.
- Oracle Corporation. *topic, Learn about architecting microservices-based applications on Oracle Cloud*. Oracle Corporation, 2021. Disponível em: <https://docs.oracle.com/pt-br/solutions/learn-architect-microservice>. Citado 4 vezes nas páginas 6, 10, 15 e 20.
- RapidAPI. *social media*. 2022. Disponível em: [https://twitter.com/Rapid\\_API](https://twitter.com/Rapid_API). Acesso em: 25 Oct 2022. Citado 3 vezes nas páginas 25, 26 e 30.
- SOFTWARE versioning. 2022. Page Version ID: 1116804459. Disponível em: [https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Software\\_versioning&oldid=1116804459](https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Software_versioning&oldid=1116804459). Citado na página 24.
- The GraphQL Foundation. *Documentation, GraphQL | A query language for your API*. 2018. Disponível em: <https://graphql.org/>. Acesso em: 26 Oct 2022. Citado na página 29.
- WASEEM, M.; LIANG, P.; SHAHIN, M. A systematic mapping study on microservices architecture in devops. *Journal of Systems and Software*, v. 170, p. 110798, 2020. ISSN 0164-1212. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0164121220302053>. Citado 2 vezes nas páginas 3 e 12.
- WASEEM, M. et al. Design, monitoring, and testing of microservices systems: The practitioners' perspective. *Journal of Systems and Software*, v. 182, p. 111061, 2021. ISSN 0164-1212. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0164121221001588>. Citado 8 vezes nas páginas 3, 6, 12, 16, 19, 21, 27 e 28.

- WIGGINS, A. topic, *The Twelve-Factor App*. 2017. Disponível em: <<https://12factor.net/>>. Acesso em: 21 Oct 2022. Citado na página 21.
- XU, C. et al. CAOPLE: A Programming Language for Microservices SaaS. In: *2016 IEEE Symposium on Service-Oriented System Engineering (SOSE)*. [S.l.: s.n.], 2016. p. 34–43. Citado 3 vezes nas páginas 6, 15 e 30.
- ZUO, X. et al. An api gateway design strategy optimized for persistence and coupling. *Advances in Engineering Software*, v. 148, p. 102878, 2020. ISSN 0965-9978. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0965997820304452>>. Citado na página 16.